

# NEGRITUDE e PÓS-AFRICANIDADE

---

*Crítica das relações raciais contemporâneas*

### ***Conselho Editorial***

Alex Primo – UFRGS

Álvaro Nunes Larangeira - UTP

Carla Rodrigues – PUC-RJ

Ciro Marcondes Filho – USP

Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS

Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP

Erick Felinto – UERJ

J. Roberto Whitaker Penteadó – ESPM

João Freire Filho – UFRJ

Juremir Machado da Silva – PUCRS

Marcelo Rubín de Lima – UFRGS

Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP

Michel Maffesoli – Paris V

Muniz Sodré – UFRJ

Philippe Joron – Montpellier III

Pierre le Quéau – Grenoble

Renato Janine Ribeiro – USP

Sandra Mara Corazza – UFRGS

Sara Viola Rodrigues – UFRGS

Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS

Vicente Molina Neto – UFRGS

# NEGRITUDE e PÓS-AFRICANIDADE

---

---

*Crítica das relações raciais contemporâneas*

**Carlos A. Gadea**



*Editora Sulina*

© Autor, 2013

Capa:  
Humberto Nunes

Editoração:  
Vânia Möller

Revisão:  
Patrícia Aragão

Revisão gráfica:  
Miriam Gress

Editor:  
Luis Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP  
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

---

G124n Gadea, Carlos A.

Negritude e pós-africanidade: críticas das relações raciais  
contemporâneas / Carlos A. Gadea. – Porto Alegre: Sulina, 2013.  
134 p.

ISBN: 978-85-205-0690-5

1. Negros – Aspectos Sociais. 2. Negros – América. 3. Negros –  
Usos e Costumes. 4. Sociologia. 5. Negros – Identidade Cultural.  
6. Antropologia. I. Título.

CDU: 316(=96)  
572.96  
CDD: 300  
390

---

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Meridional Ltda.  
Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim  
Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS  
Tel: (51) 3311-4082  
Fax: (51) 3264-4194  
www.editorasulina.com.br  
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Setembro/2013

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Ao meu pai,  
Ruben Gadea (1932-2011),  
por ter sempre estado.  
Ao meu filho, Felipe,  
por estar.



## Agradecimentos

Este livro é o resultado de um estágio de pós-doutorado realizado no primeiro semestre de 2012 no *Center for Latin American Studies* (CLAS) da University of Miami. Devo agradecer, primeiramente, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, pela concessão de uma bolsa de pós-doutorado e pelo apoio recebido durante a permanência na cidade de Miami. Também, à Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unisinos, e aos colegas do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais pelo apoio recebido desde o momento em que tudo não passava de um projeto. Agradeço o recebimento em Miami do Dr. George Yúdice por ter aceitado acompanhar a pesquisa desenvolvida. De forma especial, devo agradecer ao *Center for Latin American Studies* (CLAS) o constante apoio e o gentil recebimento institucional, bem como aos seus “rostos visíveis”: Israel Alonso-Chavez (diretor assistente), Joselyn García (assistente administrativa) e Jordan Adams. Muito especialmente, agradeço ao diretor do CLAS, o Dr. Ariel Armony, por ter apoiado, acompanhado e facilitado o estágio de pesquisa.

Durante a pesquisa e convivência em Miami, tive o privilégio de conhecer muitas pessoas, que de alguma maneira fizeram também possível, com seu apoio e companhia, o trabalho desenvolvido. Vêm à cabeça Sheila, Paula,

Neti e Nelda, mulheres brasileiras que desenham cotidianamente suas vidas com alegria e otimismo contagiante em Miami; a amizade delas foi de grande valor naqueles momentos. De ter morado no bairro de Brickell, passo a morar, nos últimos meses, no Downtown, e nessa transição foram importantes o apoio e a amizade de “Tião”. A ele devo agradecer a possibilidade de morar na sua casa, a sua confiança e companhia, por ter sido um grande “parceiro”. Finalmente, agradeço à Márcia, minha esposa e grande companheira nessa viagem. Ela, e o pequeno Felipe, que ainda aguardávamos nascer, foram fundamentais. Eles foram inspiradores.

Meses antes de iniciar este livro, meu pai, Ruben Gadea, faleceu em Montevideú, na idade de 79 anos. Lembro-me dele neste momento e lhe agradeço muito grande parte das minhas aventuras vividas. Nesta vez, não consegui, no retorno a Montevideú, contar-lhe sobre as experiências da viagem. Ele me ensinou, uma vez mais, que às vezes perdemos e que logo podemos recuperar aquela luz vital que nos torna, novamente, fortes. Meses depois, nasceu o meu filho Felipe, trazendo novamente a alegria que tanto meu pai irradiava. Felipe não poderia ter chegado em melhor momento. Este livro quer agradecer a ambos; este livro é dedicado a estes extremos da minha vida, a ausência e a presença.



*(...) la diferenciación e individualización  
aflojan el lazo social que nos une  
a los que están más inmediatos,  
pero en cambio crean un vínculo nuevo  
– real o ideal – con los más alejados.*

Georg Simmel

*Al final,  
las formas tienen que mantenerse a toda costa,  
aunque su contenido haya desaparecido  
mucho antes.*

Louis Wirth

*As pessoas se reconhecem na  
probabilidade das diferenças.*

Jean-François Lyotard



# Sumário

- 13 | **INTRODUÇÃO**
- 13 | Miami sem Trayvon Martin
- 17 | Um Brasil menos branco
- 22 | “Espaço” a ser (des)colonizado
- 29 | **CAPÍTULO 1: Contextos e situações do  
*espaço da negritude***
- 29 | Miami, conflitos raciais e negritude
- 37 | *Big Night* em “Little Haiti” – Miami, 2012
- 47 | Os “dominicanos” em Miami (ou a crítica do  
“Atlântico Negro” de Paul Gilroy)
- 53 | Jovens negros no Parque da Redenção (ou a  
“saída” da “comunidade”)
- 61 | **CAPÍTULO 2: O reverso da negritude e o  
*avesso da africanidade***
- 61 | *A racialização da sociedade*
- 77 | Negritude e indivíduo
- 84 | *Africanidade* e etnocentrismo
- 96 | Diferenciação e pós-africanidade
- 123 | **CONCLUSÕES**
- 127 | **REFERÊNCIAS**



# Introdução

## *Miami sem Trayvon Martin*

A morte do jovem Trayvon Martin, adolescente negro de 17 anos do condado de Miami-Dade, na Flórida (EUA), acontecida no dia 26 de fevereiro de 2012, teria uma enorme repercussão na mídia e na opinião pública dos Estados Unidos. O jovem Martin tinha sido fatalmente baleado logo depois de uma suposta briga com um chefe de segurança residencial na localidade de Stanford, no subúrbio de Orlando. Martin estava visitando o pai e, enquanto caminhava em um local de *fast-food*, o segurança George Zimmerman (“latino” e branco), de 28 anos, pensando que se tratava de um “suspeito na zona”, abordou-o de imediato com violência. Minutos depois, e com a chegada da Polícia ao local, constata-se que o jovem Martin estava morto com um tiro no peito, apresentando o segurança Zimmerman sangramento no nariz. O jornal *The Miami Herald* dedicaria dias ao episódio, enquanto diversas mobilizações sociais surgiram de imediato em todo o país. Jovens de colégios de Miami, movimentos de defesa dos direitos humanos em Chicago, movimentos de

“afro-americanos” de Atlanta, Filadélfia e Baltimore pareciam reeditar os reclamos das profundas feridas das tensões raciais. Jesse Jackson, reconhecido ativista pelos direitos civis, manifestaria que o episódio não fazia outra coisa do que demonstrar o preconceito racial existente há tanto tempo no sistema de justiça, nas polícias e também nos bancos do país. Como bem manifestou *The Miami Herald* no dia 27 de março, o episódio desataria a ira da comunidade afro-americana, segundo a qual prevaleceu o preconceito racial no assassinato do jovem Martin.

As implicações próprias das mobilizações sociais, do preconceito racial e da discriminação tiveram uma encenação de privilégio durante vários meses; mas o triste episódio também parecia permitir que se observassem as atuais características das relações raciais na sociedade americana e, em especial, no sul do estado da Flórida. O jovem Martin, certamente, tinha-se “tornado negro” aos olhos distantes do segurança Zimmerman, evidenciando-se certos significados preexistentes acerca da *sua* representação sobre “o negro”; significados que precederiam ao desenrolar dos fatos e que evidenciavam a permanência inalterável do secular sistema de classificação racial do país. Sem dúvida, tinha sido uma situação de conflito sob os auspícios da violência o que teria possibilitado estabelecer antagonismos claros entre os fatais protagonistas e, assim, uma es-

pecífica forma de relação social e cultural. Nesse contexto, e paradoxalmente, o segurança Zimmerman parecia devolver a imagem de uma definição bastante difusa do *espaço da negritude* aos “afro-americanos”, uma imagem que não simplesmente descansaria nos conteúdos que tradicionalmente denotaram opressão racial: a aparência física “soldada” à cor da pele e a “ancestralidade”, a pobreza, a exclusão social e o “gueto”. Apesar de a “comunidade negra” ter reforçado entre seus membros, uma vez mais, o senso de um pertencimento grupal sustentado numa história compartilhada de segregação, discriminação e escravidão, e baseado no orgulho da descendência e herança cultural africana, a chamada da “consciência racial” não parecia plenamente convincente aos olhos de muitos jovens indignados com a morte do jovem Martin. Embora tenha sido a oposição ao racismo e à discriminação, no amplo sentido, o motor daqueles descontentamentos não parecia expressar, tão fielmente, uma oposição frontal na base de uma posição de força que teria surgido da “natural” dicotomização da sociedade em “raças”<sup>1</sup>. Neste “conflito

---

1 “‘Raça’ é uma forma de carisma ou estigma grupal baseada na crença de uma herança genética que define o valor moral, intelectual e psicológico de um indivíduo ou de um grupo. Tal tipo de carisma parece dominante na situação social dos negros americanos e sul-africanos ainda hoje em dia, sendo ‘categoria nativa’ de uso amplo e generalizado. Na verdade, é lugar-comum que não se pode viver nos Estados Unidos sem pertencer a uma ‘raça’” (Guimarães, 1999, p. 108).

racial” não se manifestaria um “imaginário único” acerca da afirmação de uma identidade racial e a negritude tal qual emanado da ordem de classificação racial norte-americana. Aqui, o papel do contexto, que apelaria a um posicionamento sobre uma política da identidade concreta, seria crucial para compreender a heterogeneidade de reações consequentes a esse conflito. Por exemplo, Zimmerman era uma figura que emergia do imaginário “hispano” ou “latino” dos “afro-americanos”, além de materializar uma figura que sintetizaria, por sua função social, a violência sofrida no cotidiano por muitos jovens no país. Por outro lado, a precipitação da “comunidade negra” perante o episódio pareceria transcender os próprios contornos da “comunidade de afro-americanos”, já que aqueles negros migrantes do Haiti, das Bahamas ou da República Dominicana também pareceram sensibilizados por uma situação de conflito que os deixaria nus na sua ambiguidade identitária: negro ou/e haitiano, negro ou/e “latino”, ou negro ou/e “dominicano”.

Se o episódio interpelava diferentes posicionamentos individuais e grupais, o *espaço da negritude* parecia se confrontar, fundamentalmente, com uma representação sobre “o negro” que superaria os valores próprios da “ancestralidade” e do orgulho afro-americano, bem como a uma narrativa política que parecia ainda ancorada na complexa internali-



zação de uma “subalternidade”<sup>2</sup> (Spivak, 2010) negra politicamente importante em específicas arenas de conflito. Por trás da morte do jovem Martin se fez evidente a heterogênea constituição do *espaço da negritude*, algo característico de ambientes urbanos de crescente diferenciação social, ao tornar mais diverso e amplo o repertório de símbolos e significados que os indivíduos podem incorporar no processo de identificação pessoal e elaboração dos seus projetos de vida. Nesse triste episódio, a violência, o racismo e a negritude pareceriam pautar uma série de novos desafios na compreensão das relações raciais atuais no contexto norte-americano.

---

2 No sentido de uma “outredade crítica”, de uma ação política coletiva que navega na dualidade típica do “mundo da representação”, do “falar por” (política) e da “re-presentação” (identidade). Para Spivak (2010), “subalterno” é um termo usado como representação daqueles que não “têm lugar” no mundo, sendo sempre aquele que “não pode falar”, pois se o faz deixaria de sê-lo. Nesses termos, a condição de “subalternidade” é a condição do silêncio do oprimido por sua própria condição de “silenciado”.